

LUTO FAMILIAR: O Cuidado de Enfermagem Diante do Processo De Perda¹

Talita Cassola²
Elizane Pires³
Rita Torres³
Dirce Backes⁴

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo relatar a vivência acadêmica de graduandos de enfermagem diante do processo de perda e enlutamento familiar. Fundamentou-se na Teoria de Enfermagem de Sister Callista Roy, focada na promoção da adaptação, por se tratar de um processo familiar alterado por uma experiência dolorosa que requer cuidados diferenciados. Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada entre os meses de agosto e novembro de 2010, a partir de visitas domiciliares periódicas para acompanhamento do processo de luto e elaboração de estratégias de cuidado. A enfermagem tem um papel fundamental de promoção do cuidado e também enquanto intermediadora para propiciar os estímulos para a promoção de respostas adaptativas junto grupo familiar. Conclui-se que é importante reconhecer a interação da teoria de Roy com a visão de enfermeiro na promoção da saúde e de proporcionar conforto aos familiares tanto no viver, quanto no processo de morrer e luto familiar.

Palavras-chave: Morte, Família, Enfermagem.

¹ Trabalho integra o Projeto “Promoção do viver saudável no processo de envelhecimento humano” do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

² Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da UNIFRA, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista PROBIC/UNIFRA e Integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Empreendedorismo Social da Enfermagem e Saúde – GEPESES – talita_cassola@hotmail.com

³ Acadêmicas do 3º semestre do Curso de Enfermagem da UNIFRA, Santa Maria, RS, Brasil. Integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Empreendedorismo Social da Enfermagem e Saúde – GEPESES.

⁴ Doutora em Enfermagem. Professora Curso de Enfermagem da UNIFRA. Líder do GEPESES. Orientadora do trabalho - backesdirce@ig.com.br

INTRODUÇÃO

O luto está relacionado a um conjunto de reações acerca de um rompimento de vínculos. É igualmente uma crise que atinge o indivíduo, sua família e os sistemas mais amplos da sociedade dos quais participa (Broemberg, 2000). Sendo algo representado pela dor, solidão, para os que sobrevivem. Remete geralmente a algo negativo e inerente a vida.

De acordo com as idéias de morrer e morte de Kubler-Ross (1998), é preciso desvendar o motivo do repúdio desses temas. Percebe-se que o desenvolvimento da ciência criou formas de distanciamento ainda maior da morte. Desde a antiguidade, a morte é algo que é incompreensível para o inconsciente e isso acaba refletindo nas grandes dificuldades de aceitação desse processo, repercutindo até os dias atuais. Por se tratar de algo delicado que gera sofrimento, a compreensão dessas reações é algo essencial tanto para o indivíduo como para a família. A morte/luto pode tanto fortalecer os laços familiares quanto gerar o isolamento dos membros.

De acordo com Dowdney apud Farrara (2008), o processo de luto passa por várias etapas: entender como a morte ocorreu; aceitar a dor e a perda e tolerar sentimentos de tristeza e raiva; renegociar a relação com quem ficou; formar um nova identidade que reflete em mudanças de papéis. Toda e qualquer perda é acompanhada de diversas perdas subsequentes da inicial, devido aos múltiplos papéis que as pessoas assumem frente a uma família.

Acerca dessas mudanças, o estudo foi baseado na teoria da Adaptação de Callista Roy, por considerar o seu foco nas relações entre as pessoas, tanto indivíduo como grupo familiar. Salienta-se que o luto só é resolvido quando a pessoa perdida não é esquecida, mas sim internalizada e tornada-se parte da pessoa que sofreu a perda Pincus, (1989).

A enfermagem tem um papel fundamental frente a esse processo, pois é o profissional de saúde que depara-se cotidianamente com essas situações, podendo então ter uma visão ampliada de como isso ocorre nos domicílios. Necessita-se estar preparado para ser o intermediador desse grupo familiar e promover estímulos, que repercutam em mecanis-

mos de enfrentamento para facilitar a compreensão das pessoas que aqui permanecem, para então promover o cuidado integral de cada ser humano, cuidado esse que perpassa hospitais.

Baseado no exposto, o estudo tem por objetivo relatar as reflexões decorrentes do acompanhamento e da promoção de ações acerca das vivências com uma família face ao processo de morte/luto e os aspectos relacionados às estratégias do cuidado de enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-ação, a qual permitiu o acompanhamento e o auxílio frente ao processo de luto vivenciado com uma família.

A pesquisa-ação segue um ciclo no qual prioriza o agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para melhora de sua prática. (Tripp, 2005)

O estudo foi realizado na região Oeste de Santa Maria, a partir de um projeto ampliado, direcionado para os acadêmicos do terceiro semestre do curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário Franciscano/UNIFRA. O mesmo foi realizado entre os meses de agosto e novembro de 2010, sendo que neste período ocorreram aproximadamente dez visitas na residência da família, as quais tinham por objetivo realizar uma observação e intervir no cenário, bem como conhecer o real significado atribuído ao fenômeno morte/luto na família. O luto estava relacionado à morte do patriarca da família, dentre os participantes figuram a viúva, a filha, o genro e duas netas.

A discussão dos dados foi fundamentada na teoria de Callista Roy, a qual utiliza os cuidados de enfermagem para a promoção da adaptação dos indivíduos em face de uma superação de perda. Para a coleta das informações na comunidade, foram observados os critérios éticos estabelecidos pela Resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

RESULTADOS — RELATANDO O VIVIDO

O início das visitas à família ocorreram dias após o falecimento do ente querido, quando a família encontrava-se bastante abatida. A viúva era a que mais se apresentava entristecida, dizia nunca aceitar a morte do esposo e que a vida não tinha sentido.

O grupo de acadêmicos buscou dialogar com a família acerca do processo. Em visitas subsequentes, a viúva apresentava-se distante e pouco comunicativa. A filha após a morte retornou a casa da mãe juntamente com o esposo e duas filhas, sendo uma delas de três anos de idade a qual a senhora se apegou muito e vivia seus dias em prol dos cuidados da neta.

A filha relatou estranhamento em relação ao comportamento da mãe, achando necessário encaminhá-la ao atendimento médico e psicológico, os quais diagnosticaram quadro depressivo, intervindo com medicações controladas.

Quando questionada sobre o tratamento para depressão, a viúva relatou se sentir muito melhor. No decorrer das visitas observamos um esquecimento significativo desta em relação aos acontecimentos e compromissos, apesar do tratamento estar em andamento. Seu comportamento era característico da ação dos medicamentos, apresentava-se apática e indiferente.

Perante o exposto, nos questionamos acerca do estado depressivo da viúva que era a que mais necessitava de atenção na família e do resultado do tratamento medicamentoso, resolvemos então intervir no cenário acreditando que o problema da senhora era basicamente a solidão.

Considerando a situação econômica da família e do que tínhamos disponível para realizar um projeto ocupacional, optamos pela confecção de peças artesanais a partir de garrafas pets, tendo a aprovação e total interesse da família.

No último encontro do programa acadêmico do semestre, observamos a viúva satisfeita com o seu trabalho, o qual foi entregue como lembrança as demais famílias participantes do projeto. Relatou

estar empolgada em aprender mais e explorar novas oportunidades de projetos juntamente com os acadêmicos.

Após verificar a satisfação da viúva, incentivamos a participação desta em um grupo de mulheres da comunidade na qual reside. Até os dias de hoje participamos desse grupo, fazemos o acompanhamento e verificamos a melhora de seu quadro.

EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Essas “adoções” de famílias, podem nos trazer uma nova visão, de que a enfermagem não é apenas verificar pressão e fazer HGT, mas nos provar os imensos campos que a enfermagem tem para atuar, tanto mediando alguma ação, como na prestação de orientações. Mostra a grande importância de não chegarmos em algum lugar com “receitas” prontas. Todo o trabalho foi uma troca de informações, mostrando que não estávamos lá para impor nada, apenas para ajudar. Por mais delicada que seja a temática, conseguimos através do vínculo, a recuperação dessa idosa, favorecendo não apenas ao bem-estar dela, mas de todo o grupo familiar.

O aprendizado com essa experiência foi muito mais compensatório do que estar todos os dias em uma sala de aula, pois permitiu que o conhecimento, que a intervenção surgisse de nós alunos, além da lição de vida que talvez modifique e supere vários pré-conceitos. Se a enfermagem prioriza tanto ampliar e conquistar seu espaço, exemplos disso começa dentro da academia, para formar enfermeiros diferenciados e comprometidos com seus clientes.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Baseando-se no relato, questionamo-nos acerca do indecifrável mistério humano, que apesar de avanços incomparáveis no decorrer da história, sobretudo, na contemporaneidade, pouco se tem desvendado. Acredita-se, com base em estudo desta natureza, que a viúva pode estar vivenciando a etapa da negação do

processo de morte do familiar e que é nesta fase que se precisa intervir e procurar falar sobre este momento para que tanto o próprio indivíduo, quanto a família possa compreender e elaborar o sentimento de perda, segundo Kluber (1998). Dessa forma optou-se por realizar o trabalho em cima de pesquisa-ação, onde se identificou a dificuldade da família, buscou-se meio para interferir, primeiramente com a criação do vínculo da confiança, para então poder ter um contato maior e com conversas, poder abordar esse assunto tão delicado para a pessoa enlutada.

O processo de luto normalmente vem acompanhado de solidão para os que sobrevivem a ela, criando um vazio afetivo de acordo com Rodrigues apud Farrara (2007). Por ser um processo que atinge não só a pessoa, mas todo sistema familiar, e requer uma intensa reorganização, sendo ressaltada a necessidade de adaptação de dois lares em um, na qual a filha viu-se inerentemente responsável pela mãe e com esta decisão transformou toda a sua realidade e de sua família que já estava estabilizada.

O estudo foi baseado na Teoria de Roy, a qual reconhece o ser humano diante de estímulos e respostas, em que se deu uma das maiores intervenções, de propor e incentivar a idosa a procurar ajuda e o convívio com outras pessoas. Corroborando com Melo (2005), a pessoa é encarada como sistemas adaptativos vivos, cujos comportamentos podem ser classificados como reações adaptativas ou ineficientes. Compete ao enfermeiro atuar como mediador e, mediante estratégias para as ações do cuidar, capacitando as pessoas a desenvolverem mecanismos de enfrentamento Roy (2001).

Dessa forma, a enfermagem tem o papel da promoção do cuidado de forma integral, fugindo do contexto saúde-doença, tão somente focada no âmbito hospitalar, no qual nos deparamos com o processo de luto, porém nunca refletimos nesses familiares que retornam as residências com perdas significativas. Através disso, podemos perceber a grande importância de ter profissionais que vão além do conhecimento da realidade, que adentram a ela, procurando articular com as reais necessidades, sendo verdadeiros empreendedores, capazes de compreender as singularidades e a partir desta, delinear estratégias de superação do luto.

Além de conhecimento técnico-científico, é preciso que o indivíduo adquira competências humano – interativas, capazes de agregar valor social e possibilitar o desenvolvimento local (Backes, 2008). Fazendo assim uma enfermagem com uma visão ampliada do cuidar em prol de um elevado nível de bem-estar familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de luto é encarado de diferentes maneira, sendo singular a cada indivíduo. Por isso o seu entendimento é fundamental para o bem-estar individual como de todo o grupo familiar.

Dessa forma, o enfermeiro como todo e qualquer profissional da saúde deve estar preparado para trabalhar com o processo de luto, sendo esse um assunto que deparamos cotidianamente, porém nunca refletimos sobre o seu significados face à uma família.

Cabe aos enfermeiros identificar, planejar, e agir dentro de um cenário domiciliar, o qual não basta apenas ter o conhecimento e sim agregar ações capazes que promover estímulos que tragam respostas positivas aos indivíduos bem como para todo o grupo familiar. É preciso investir, em suma, em projetos ampliados que visem o empreendedorismo, para que a enfermagem seja inovadora e para que possa ver soluções nos cuidados paliativos que geralmente são tão essenciais quanto os cuidados medicamentosos.

REFERÊNCIAS

- 1-BACKES DS; Erdmann AL. A Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. Revista Gaúcha de Enferm., Porto Alegre, 2009.
- 2-BROEMBERG MHPF. A psicoterapia em situação de perdas e luto. Campinas : Editora Livro pleno 2000;

3– DOWDNEY, L. Childyren bereaved by parent or sibling death. *Psychiatry* 2008, 7(6):270-275 apud FARRARA, ANDREA PAULA. Orfandade e estigma: vivencias de jovens órfãos em decorrência da AIDS. São Paulo, 2009; [dissertação de mestrado – saúde pública].

4– KLUBER – ROSS E. A roda da vida – memórias do viver e do morrer. 1998.

5– MELO EM; SILVA R M; FERNANDES, AFC; O relacionamento familiar após a mastectomia: um enfoque no modo de interdependência de Roy, *Revista brasileira de Cancerologia*, 2005.

6– PINCUS, L. A família e a morte: Como enfrentar o luto. Rio de Janeiro, 1989.

7– RODRIGUES JC. A morte numa perspectiva antropológica. In: Incontri D; Santos F, organizadores. A arte de morrer-visões plurais. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Ceomenius 2007 apud Farrara, Andrea Paula. Orfandade e estigma: vivencias de jovens órfãos em decorrência da AIDS. São Paulo, 2009; [dissertação de mestrado – saúde pública].

8– ROY C, ANDREWS A. Teoria da enfermagem: o modelo de adaptação de Roy. Lisboa: Instituto Piaget 2001.

9– TRIPP D. Pesquisa– ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo 2005.

